

Aluno pesquisador: uma experiência construída

Research student: a constructed experience

Margarida Balestro
Regina Rehbein Vieira

Resumo

O presente artigo tem como finalidade relatar uma experiência construída através da pesquisa na formação do educador. A pesquisa, neste sentido, torna-se subsídio para um ensino voltado para o "ensinar e o aprender através da pesquisa". Também se torna princípio da possibilidade dos processos de ensinar e aprender. Tudo isso, com vistas à construção de um conhecimento qualitativo e investigativo de uma educação para o pensar. Dessa forma, procuramos romper estruturas, adaptando-nos a atual legislação e com olhos para novos paradigmas educacionais. Nessa perspectiva, acreditamos que a pesquisa como prática pedagógica contempla a formação do educador, proporcionando um ensino criativo, dinâmico, reflexivo, criterioso e questionador.

Palavras-chave: pesquisa, vivência, educação

Abstract

The article reports an experience constructed through the activity of research present in teachers' formation. The research, in this sense, becomes a basis for a teaching, aimed at "teaching and learning through research". It also becomes the principle of the teaching and learning process possibilities. All this, with the objective of building a qualitative and investigative knowledge of education for reasoning. This way, we are looking forward to breaking structures, adapting ourselves to the present legislation, aiming at a new educational paradigm. Within this perspective we believe that research, as a pedagogical practice, contemplates the educator's formation, providing a creative, dynamic, reflexive, sensible and questioning teaching.

Key Words: research, experience, education

INTRODUÇÃO

Estamos vivendo uma época de profundas mudanças, de constantes transformações com a evolução da ciência e das tecnologias.

Percebemos que essas transformações interferem no comportamento humano, na forma de comunicação e no relacionamento. O ser humano está vivendo a tendência de uma concepção holística e, com isso, muitos conceitos que o sustentavam estão sendo relidos e abandonados.

Margarida Balestro é professora do Curso de Pedagogia da Universidade Luterana do Brasil. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação na ULBRA/RS. E-mail: marga.balestro@compujob.com.br
Regina Rehbein Vieira é pedagoga e Orientadora Pedagógica do Colégio Sinodal do Salvador-Porto Alegre. Ex-bolsista da Universidade Luterana do Brasil. E-mail: regina@rede-rs.com.br

dos por uma nova visão de mundo. A educação tem como finalidade a libertação do ser humano. Diante das mudanças, sofre transformações significativas e, às vezes, radicais. Nesse ponto, a pesquisa como uma experiência construída pelo educador e pelo educando toma forma e admite a mudança, possibilitando um novo desafio como alternativa pedagógica. A pesquisa baseada na reflexão e na ação, desperta, no sujeito, o desejo de conhecimento. A partir daí, a pesquisa, como ferramenta pedagógica, encontra uma maneira de construir este conhecimento tendo em vista as peculiaridades, aptidões, tendências e principalmente usando as experiências do próprio sujeito.

A formação do educador é uma questão sempre polêmica, por isso, precisa ser refletida nas instituições educacionais. Essa formação é a base das futuras vivências deste professor e de seus educandos. Os modelos vividos pelo docente são, até que sejam interrompidos, os parâmetros de suas ações. Assim, podemos afirmar que, como educadores, acabamos por reproduzir valores, vivências, ações e, até mesmo, as contradições que vivemos. Este ciclo precisa ser analisado e refletido criticamente. Esta análise e reflexão nos possibilitam romper com esta situação, isto é, agir, refletir, retomar a partir da ação e da reflexão, planejar novas ações, modificar velhas estruturas e, então, propor novas estratégias. Dessa forma, novas propostas educacionais podem surgir e, assim, desenvolver competências e habilidades no educador e nos alunos.

Mas como dar-se conta disso, com as contradições que vivemos? Quais as expectativas e perspectivas que a educação traz para os cidadãos de uma sociedade do futuro? Como assimilar, organizar, entender e expressar conhecimentos que produzam cultura e qualidade de vida? O que os sujeitos envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem constroem a partir da educação e levam para a vida?

Muito se tem questionado sobre o assunto, e então surge como alternativa de trabalho a própria pesquisa, como forma de conhecimento não só do docente, mas também de seus alunos. Entendemos conhecimento como uma rede de relações possíveis que o sujeito estabelece a partir da estruturação de sua história. Para que isso ocorra, a pesquisa precisa ser uma atitude

pessoal e cotidiana, de forma a tornar o questionamento parte da formação do educador e de seus educandos: sujeitos envolvidos, comprometidos e competentes.

Para Luckesi (1998), a universidade tem o papel de formar sujeitos abertos à reflexão, à crítica, ao intercâmbio de idéias e à participação em iniciativas, na busca de novas estratégias para solucionar os problemas sociais. Portanto, sujeitos competentes em seu fazer e capazes de buscar a própria qualidade de vida. Nesta perspectiva, a universidade, os professores e os alunos comprometem-se, através da reflexão, a lutar pela possibilidade permanente de conquistar espaços que assegurem a dinâmica dos novos tempos. Esta prática busca a compreensão epistemológica do conhecimento, como entendimento do mundo, e essa compreensão orienta atos pedagógicos e acadêmicos. A formação dos cidadãos é que faz a diferença na sociedade e na instituição que promove conhecimento e mudanças significativas.

A PESQUISA COMO POSSIBILIDADE

A experiência de vivenciar a pesquisa como processo para a construção do conhecimento proporcionou-nos transformações significativas e possibilitou mudanças radicais quanto a concepções e percepções, tanto na prática como na teoria. Antes de participar da pesquisa como possibilidade acadêmica, tínhamos uma visão da educação, após nossa visão se transformou sensivelmente, visto que, hoje, percebemos demandas antes ignoradas.

A pesquisa, no espaço acadêmico, ao longo da história da educação, lamentavelmente, não teve o sentido da própria palavra "pesquisa", tendo em vista que a grande maioria dos educadores não tiveram, na sua formação, a vivência da pesquisa; neste sentido, não podem ter na prática pedagógica algo que não vivenciaram.

A vivência da pesquisa é que permite estimular, orientar, assessorar e acompanhar o processo de pesquisa como possibilidade concreta e desafiadora na construção do conhecimento. Nesse sentido, não podemos "julgar"

os professores por não terem essa prática voltada para a pesquisa, como princípio educativo, pois não realizaram estudos teórico-práticos acerca das concepções de pesquisa, como prática pedagógica.

Nessa dimensão, é fundamental que as instituições promotoras de saberes reflitam que formação está sendo disponibilizada para estes futuros docentes. Por isso, se faz necessário revisar metodologias mais criativas, inovadoras, reflexivas e críticas, que proporcionem uma formação de qualidade aos futuros profissionais da educação. Só assim, teremos, daqui "algum tempo", alunos mais felizes, habilidosos, críticos, inventivos, inovadores e cidadãos que assumam o compromisso de contribuir para uma sociedade melhor para todos. Só através da pesquisa, como possibilidade de (re)construção, é que será possível o crescimento de um sujeito capaz de estruturar mudanças refletidas e implementar ações inovadoras.

Concordamos com Maldaner (1999):

A pesquisa na prática pode melhorar a aprendizagem. O professor deve tornar-se pesquisador permanente de sua prática, para manter-se atualizado quanto às necessidades educacionais. É preciso superar a racionalidade instrumental, mentora de soluções abstratas, para produzir conhecimento contextualizado e refletido, promotor do desenvolvimento profissional do professor e da aprendizagem do aluno. Para a constituição de melhores professores, é necessária a formação continuada na prática, mediada pelas teorias e pelo confronto com os demais professores. O professor pesquisador se constitui na interação com seus pares e seus alunos (p. 5).

Assim, podemos afirmar que a pesquisa enquanto processo metodológico é meio para alcançar o fim. Ou seja, "meio" de mudanças na agência promotora do saber na sala de aula, para alcançar o "fim": uma educação de qualidade. Isso somente se dá, na medida em que o professor predispõe-se a refletir sobre sua atuação, reconstruindo na prática, a interação e trocas estabelecidas com os alunos, ensinando e aprendendo a cada passo, a cada aula, a cada ruptura. Mas para que a pesquisa seja instrumento para este fim, o professor deverá ser o primeiro a rever os processos de ensino-apren-

dizagem e suas novas relações.

No entender de Antunes (1998), o professor precisa:

descobrir que o erro não é uma falta grave, uma limitação ou incapacidade, mas um momento legítimo inerente a toda aprendizagem. O erro em sala de aula ou na execução de uma tarefa escolar equivale, mais ou menos, ao ato de, ao procurarmos alguma coisa, olharmos primeiro à direita, em busca de algo que, na verdade, estava colocado à esquerda (p. 103).

Nessa perspectiva, a pesquisa terá reais possibilidades de ocorrer, sem falhas de compreensão da sua intencionalidade pedagógica, didática ou metodológica. Com isso, o professor, permitindo o erro, busca novas possibilidades pedagógicas como alternativas da ação educativa. A questão do erro não será tão dolorosa se for encarada como parte do processo de (re)construção do conhecimento nos sujeitos envolvidos, professor-aluno.

Demo (2000) coloca que a pesquisa significa um produto concreto e localizado, como é a feitura do projeto pedagógico, ou de material didático próprio, ou de um texto com marcas científicas. Ressalta assim, o compromisso formal do professor com a sua formação continuada. Demo afirma que as agências promotoras de saberes precisam deixar de representar um "espaço da disciplina, ordem de cima para baixo, desempenho obsessivo e avaliação fatal" para tornarem-se "um lugar coletivo de trabalho" e "participação ativa, presença dinâmica, interação envolvente, comunicação fácil e motivação à flor da pele" (p. 15).

Todas essas questões estão referendadas legalmente. As mudanças implementadas na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB nº 9394/96, ajustam, na sua aplicação, os princípios que regem a educação nacional e que são citados no texto constitucional às situações reais. Souza e Silva (1997) afirmam que, uma lei de diretrizes é, por definição, uma lei indicativa de questões atuais. A LDB em vigor indica em seu artigo 3º, entre outros, a liberdade de aprender e pesquisar, a valorização das experiências extra-escolares, bem como a vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais. Compreendemos tudo isso como um

princípio que possibilita a abrangência da educação na vida do educando. No capítulo oito, que trata da Educação Superior, a Lei, no seu artigo 43 inciso III, afirma ter por finalidade:

incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive (p.71).

Nesse sentido, esclarece-se a intencionalidade da atual legislação do ensino. Com isso, professor e aluno estão sendo desafiados e incentivados ao trabalho de pesquisa. Se o professor não estiver suficientemente preparado, o acadêmico terá prejuízos em sua formação e, o perfil desejado pelas agências formadoras e exigido pela sociedade não atenderá às necessidades do universo do mercado de trabalho.

A participação na pesquisa intensificou em nós o desejo de buscar respostas para as inquietações que estavam presentes no processo de construção da pesquisa, e que os instrumentos quantitativos e qualitativos não respondiam totalmente tais angústias. As questões práticas da pesquisa (a saber: aplicação de instrumentos, tabulação de dados, análise de conteúdo, busca permanente de referenciais teóricos, participação no Salão de Iniciação Científica e a construção do relatório) se deram na medida em que o conhecimento e as reflexões foram se organizando e determinando novos rumos, no contexto da própria pesquisa..

Assim, usando o saber como arma para realização e crescimento, desmistificamos questões e questionamos mitos, ao resgatar os valores estéticos e éticos da pesquisa. Desenvolvemos um trabalho que proporcionou momentos significativos para que pudéssemos vivenciar, de diferentes formas, a (re)construção do conhecimento. Tudo isso redimensionou o trabalho, transformando-nos em pesquisadoras e agentes de transformação.

Dessa forma, resgatou-se o potencial existente nos sujeitos, pelo conhecimento e pela criatividade, transformadores do ser humano, despertando a curiosidade pelo saber, forças que movem o mundo. Partilhar desses momentos no desenvolvimento da pesquisa, bem como do incentivo à criatividade, da superação dos de-

safios, da organização do espaço e do tempo, marcou significativamente nossas vidas.

No nosso entendimento, podemos afirmar que a pesquisa possibilita ao docente atualização permanente. Nesse desafio, acreditamos que tendo educadores mais qualificados, comprometidos, responsáveis, pesquisadores, críticos, reflexivos e inovadores estaremos disponibilizando, no nosso espaço pedagógico, um ensino e uma aprendizagem mais eficazes. Então, a partir das questões abordadas acreditamos poder “sonhar” com uma educação de melhor qualidade, em nosso País, Estados e Municípios, quer seja em instituições estatais ou privadas, em qualquer nível da educação: na Educação Básica, Ensino Superior e Pós-Graduação (Stricto e Lato Sensu).

Este novo formato traz para a educação a efetiva possibilidade de propostas alternativas de (re)construção do conhecimento. Entretanto, precisamos ter o cuidado de fazer do ensino-aprendizagem um ambiente prazeroso, agradável e que sirva para atender a necessidade dos acadêmicos de hoje, mais que em qualquer tempo, carentes de vínculos afetivos.

Nossa sociedade tem se preocupado demasiadamente com o ter, esquecendo que o “ser” precisa tornar-se, efetivamente, atuante em todos os sentidos. E para que tenha sentido aprender, as agências promotoras de saberes, devem ter como sua principal meta, esse papel tão importante no desenvolvimento da pessoa: a formação integral.

Neste sentido, podemos voltar às percepções e sensibilidades, aos valores e à forma, a todos os sentimentos pertencentes ao processo de pesquisa. Deve-se ter presente, que a pesquisa nas instituições de ensino, em todos os níveis, vem conquistando espaço significativo na atualidade, visto que, a cultura da pesquisa vem sendo construída.

Os envolvidos, na educação, não podem mais cruzar os braços, existe uma necessidade urgente de muito estudo, pesquisa e criatividade para poder-se atingir ideais mais dignos e garantir assim ao sujeito histórico a coragem de estimular ações, imaginar saídas, abrir caminhos, transformar seu mundo, cumprir seus deveres e resgatar seus direitos. Assim, poderemos ter uma sociedade capaz de transformar seu destino, suas vontades, seus desejos de jus-



tiça para todos homens e mulheres, de idades, etnias e crenças diferentes. Precisamos de uma sociedade formada por sujeitos livres. Daí a necessidade de assumirmos o espaço da pesquisa, inteirando-nos de sua realidade e apropriando-nos das contradições que vivemos na atualidade.

Nessa visão, podemos revisitar nossa própria prática pedagógica, reavaliar nossas ações e redimensioná-las. A pesquisa possibilita o acompanhamento do ensino-aprendizagem, apontando novos caminhos e outras leituras dos caminhos percorridos até então. A pesquisa como ação pedagógica é desafio didático-metodológico, pois possibilita o rompimento com o paradigma da reprodução.

Viver a experiência da pesquisa permite apropriar-se das muitas interfaces do processo, tais como: encantamento, sedução, desafio, dificuldades, desentendimentos, entendimentos, impasses, incoerências, encontros, entre outras tantas. A trajetória foi rica em possibilidades de relações teórico- práticas. Conforme adverte Luft (1999):

Para exercer a pesquisa, entretanto, é preciso criar as condições de professor-pesquisador, com tempo e materiais que lhe assegurem espaço para estudo e discussão no interior das agências promotoras de saberes e, se for o caso, com assessoria de outros professores e da universidade (p. 34).

De acordo com tal entendimento, vivenciamos na prática situações de busca, permitindo contribuir nas discussões e até mesmo deixar questionamentos e impressões para uma possível nova etapa da pesquisa, dando continuidade às inquietações percebidas no processo de investigação.

Tivemos que estabelecer combinações e critérios no processo da investigação científica, tais como: a carga horária, a organização e o cumprimento de prazos e com o apoio da universidade, nos momentos que dela precisamos, engajando-nos e estimulando a pesquisa para a promoção do saber.

Luft (1999) esclarece que:

A vivência do professor como pesquisador possibilita a construção dos saberes da vivência, da observação, da experiência profissional e da militância

pedagógica, que precisam ser observados, analisados e pesquisados pelos alunos durante a sua formação (p. 34).

Participar da vivência de uma pesquisa em formação, seja inicial "aluno-professor" ainda é um privilégio nas universidades que estão construindo a cultura da pesquisa. Essa experiência precisa contagiar nossos pares e tornar-se cotidiana para que possa produzir novos conhecimentos em nossa formação. Em razão disso, fortalece-se o vínculo dos sujeitos envolvidos no processo investigativo e também nas instituições de ensino que têm responsabilidade, com a transmissão da cultura, o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.

Atualmente, percebe-se a necessidade de uma educação que priorize a reflexão e a autonomia. Isto significa dizer que carecemos de uma educação que nos ofereça a possibilidade de discernir e deliberar com independência e responsabilidade, as relações referentes à manutenção da vida, ao domínio público e ao âmbito pessoal. Os professores ensinam e aprendem todos os dias. Preparam aulas, explicam o que tem de ser aprendido, supervisionam os exercícios, avaliam os resultados e aprendem a conviver. Modelam e influenciam comportamentos, ensinando a ter consciência dos deveres e direitos, formas de convívio social, valores e normas. Os alunos aprendem e ensinam todos os dias. Professores e alunos participam, interagem e vivem toda a complexidade desta ação docente. Aprendem a conviver nas instituições de ensino onde muitas outras relações se estabelecem: reuniões de professores, construção do projeto político-pedagógico, contato com a comunidade, estabelecimento de prioridades e necessidades da comunidade no contexto social.

Para planejar, executar e avaliar todas essas atividades, os professores devem possuir características muito especiais, como: perseverança, competência, conhecimento, ética, paciência, tolerância, amor e boas relações interpessoais. A educação e a sociedade não param de mudar, apontando novas necessidades na formação do professor. Um perfil profissional é sempre o resultado de um lugar e de um tempo determinado, provocando como característica uma nova atitude do professor em relação à própria educação.

Ferreira (1999) nos desafia:

Pensar alternativas em educação é sempre reler a nossa prática, revisitar nossas crenças, rever nossos feitos. Portanto, é um processo que exige coragem e vontade de sentir-se cada vez mais sujeito (p. 55).

O professor, visto como pesquisador e mediador, deixará de se preocupar com a transmissão de informações, podendo assumir o perfil de organizador de situações para desafio e/ou sistematização (p. 57).

O professor-pesquisador tem o desafio de tornar os sujeitos em pesquisadores na sua ação docente, como premissa para atingirmos a qualidade na educação, por sermos agentes de transformação da sociedade no presente e para o futuro da humanidade.

Demo (2000) aponta que "qualquer xerox sabe que, quanto mais se copia a cópia, pior fica" (p. 80). Portanto, precisamos, como ele próprio afirma, "...não um profissional da pesquisa, mas um profissional da educação pela pesquisa" (p. 2) para que a atividade da pesquisa seja desenvolvida quotidianamente nas instituições de ensino, como princípio educativo.

Precisamos que nossos docentes e estudantes participem da (re)construção do conhecimento para sobrevivermos e superarmos a cópia como único produto cultural. Esta produção se dará como forma de desacomodar, alunos e professores, em formação, inicial ou continuada, despertando a sensibilidade e a competência enquanto sujeitos em formação. Dessa forma, poderão perceber que precisam estabelecer relações entre ação e sentimentos, técnicas, métodos, necessidades e desejos, prática e teoria.

Carvalho (1994) enfatiza que a habilidade central da pesquisa aparece na capacidade de elaboração própria, ou de formulação pessoal, que determina, mais que tudo, o sujeito competente em termos formais. Argumentar, fundamentar, questionar com propriedade, propor e contrapor são iniciativas que supõem um sujeito capaz.

Com essa visão, a concepção de pesquisa possibilita estabelecer vínculos com a "cultura da pesquisa" e uma nova relação entre os sujeitos professor-aluno, envolvidos no processo da pesquisa. Educar pela pesquisa como prin-

cípio educativo, contribui para a mudança do paradigma de reprodução para o paradigma de construção do conhecimento e assim, desenvolve-se nas instituições de ensino um novo marco metodológico: aprender a aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das considerações feitas, acredita-se que o aluno que começa o processo de iniciação científica desenvolve, a partir da convivência com o professor-pesquisador, o aprimoramento de habilidades cognitivas, afetivas, melhora a escrita e a elaboração própria. Além disso, é desafiado a enfrentar novos processos na leitura, no vocabulário, na comunicação, na argumentação. A experiência com pesquisa contribui para melhorar a auto-estima do aluno, bem como falar em público com maior segurança.

Por fim, deve-se evidenciar que, na caminhada de investigação, "professor-aluno" ambos são sujeitos no processo; por isso, o relacionamento precisa ser sensível, empático e solidário. Tanto a pesquisa, como a relação interpessoal, constituem-se em cumplicidade durante todo caminho, dia após dia se fortalece. É como uma semente que plantamos e cultivamos com amorosidade. Dessa forma, a cultura da pesquisa nas universidades é premissa essencial na conquista de espaço na comunidade científica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Celso. *As inteligências múltiplas e seus estímulos*. Campinas: Papirus, 2000.
- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2000.
- CARVALHO, M.C.M. (org.). *Construindo o saber*. Campinas: Papirus, 1994.
- FERREIRA, Liliana. *Trabalho com projetos: em busca da transdisciplinariedade*. Espaços

- da Escola – Universidade de Ijuí – Vol. Nº 4 nº 31 (jan/mar), 1999.
- LUCKESI, Cipriano Carlos [et. al.] **Fazer universidade: uma proposta metodológica.** São Paulo: Cortez, 1998.
- LUFT, Hedi Maria. **Trabalhadores aprendem pela pesquisa.** *Espaços da Escola – Universidade de Ijuí – Vol. Nº 4 nº 31 (jan/mar), 1999.*
- MALDANER, Otavio Aloisio. Professor-Pesquisador: uma nova compreensão do trabalho docente. *Espaços das Agências Promotoras de Saberes, Universidade de Ijuí, Vol. Nº 4 nº 31 (jan/mar), 1999.*
- SOUZA, Paulo Nathanael Pereira e SILVA, Eurides Brito da. **Como entender e aplicar a Nova LDB.** São Paulo: Pioneira, 1997.

